

## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR, OS PARADIGMAS FORMATIVOS E SUA PRÁTICA DOCENTE

**Rafael Ademir Oliveira de ANDRADE<sup>1\*</sup> ; Francisca Juciene Campos SOARES<sup>2</sup>**

1. Sociólogo e Mestre em Educação. Professor no Centro Universitário São Lucas 2. Pedagoga e Especialista em Metodologia do Ensino Superior.

**RESUMO:** A base para a construção da formação docente está associada a uma necessidade inicial e a busca contínua de uma identidade que visa fornecer os saberes necessários para a prática docente, lembrando que o ser professor integra as vivências do profissional, ou seja, é comum constatar que o professor tende a reproduzir de forma íntegra ou parcial o formato de como aprendeu ou busca referências em alguns professores que marcaram significativamente a sua formação. A busca pelo conhecimento tem sido o foco das instituições de nível superior desde sua criação, o diferencial hoje é o papel do professor que antes era visto como o retentor absoluto do conhecimento e hoje seu papel é de mediar e fomentar no aluno um espírito investigador. Partindo deste pressuposto o presente artigo tem como finalidade analisar a formação do professor no ensino superior, os paradigmas formativos e sua prática docente, visando reconhecer como se dá este processo e qual o seu propósito. Será usado o método dedutivo baseado em uma revisão literária, através de pesquisa em livros e artigos científicos dos principais autores sendo estes: Freire, Nóvoa, Pimenta, Anastasiou e Becker.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação. Perfil. Professor. Ensino Superior.

### INTRODUÇÃO

A formação do professor é um processo que visa estimular uma perspectiva crítico reflexiva, que favoreça a autonomia do professor e que facilite as dinâmicas de auto formação permitindo a reconstrução de uma nova perspectiva. Segundo Nóvoa (1990, p. 43) “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. Esta afirmação é a base para as discussões teóricas realizadas neste trabalho.

A identidade docente é construída com base na formação em uma área específica que pode ser voltada para o bacharelado ou para licenciatura, sendo assim a IES é responsável por preparar de forma indireta ou direta o profissional docente e esta preparação é parte de um processo de identificação do profissional, “O professor do ensino superior inicia seu processo de formação sem ter escolhido ser professor” (PIMENTA; ANASTASIOU, p. 77 2002), pois as habilidades e competências

que ele terá que utilizar na sua atuação docente estão sendo estabelecidas em sua formação.

A formação docente integra a prática produtiva, ou seja, o trabalho como princípio educativo, a prática política visualizando a educação como um eixo de formação e cidadania e práticas pedagógicas que visam integrar os saberes para formar uma identidade própria. De acordo com a LDB 9.394, o objetivo da formação superior no Brasil é a de formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua (BRASIL, 1996).

Outra forma de enriquecer o trabalho docente é através da troca de experiências que favorecem a formação mútua, onde o professor ensina e aprende concomitantemente, como exemplo, podemos citar uma disciplina com grande carga horária, onde quatro professores precisam trabalhar em conjunto, para alcançar um resultado favorável, e para que este trabalho seja efetivo, os professores precisam planejar suas ações e em meio a

\* Autor Correspondente

este planejamento vão trocando experiências e enriquecendo suas práticas ou mesmo os grupos de pesquisa e extensão que são desenvolvidos com a participação de um grupo de professores.

Para facilitar o autoconhecimento, o professor precisa ter consciência dos modelos pedagógicos existentes, sendo estes a pedagogia diretiva, pedagogia não diretiva e pedagogia relacional. Estes conhecimentos pedagógicos da sua formação são importantes, pois através deles o professor poderá se perceber dentro do processo de ensino e aprendizagem, enriquecendo seus saberes e favorecendo a prática docente.

Na pedagogia diretiva o professor é a autoridade máxima na sala de aula, e o aluno não tem voz ativa, isso faz com que o aluno se torna um objeto manipulável pelo professor, para o professor o aluno aprende por meio da repetição. Segundo (BECKER, 1992) “o professor age assim porque ele acredita que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno. Ele acredita na transmissão do conhecimento enquanto forma estrutural; não só enquanto conteúdo”.

Nesta concepção de ensino o professor e o aluno estão em situações extremas, onde o professor é detentor de todo conhecimento e o aluno é uma tábula rasa onde o conhecimento será depositado. Podemos pensar as novas configurações sociais e das vidas mediatizadas pela lógica tecnológica, onde se pode aprender tudo de qualquer coisa em qualquer lugar e um docente ainda pensa que é a única forma de compreensão da realidade do aluno? O que temos posto pelo próprio desenvolvimento das forças produtivas e tecnológicas é o fim do professor que parte desta base epistemológica.

O professor acredita que pode transferir o conhecimento ao aluno, independente da abstração do conteúdo tratado e seguindo esta mesma linha temos outros autores que também descrevem o processo educativo como uma condição em que o aluno é como uma esponja que somente absorve o conhecimento como John Locke e Jean-Jacques Rousseau, só para

mostrar o anacronismo deste paradigma educacional.

Na perspectiva destes autores contratualistas, o homem é uma tábula rasa, cuja cultura do ensino tem como objetivo a formação de uma sociedade perfeita, pela obediência dos homens à consciência coletiva, perspectiva esta adotada por autores modernos, como Condorcet, Comte ou Durkheim.

Nesta concepção o professor reproduz a sua vivência e a imprime em seus educandos. Como cita o professor Becker (1992): O conhecimento “se dá à medida que as coisas vão aparecendo e sendo introduzidas por nós nas crianças”. O aluno para o professor é uma página em branco e cabe ao professor preencher esta página, com conhecimento que vem do meio de vivência do aluno.

O perfil epistemológico deste professor se baseia no empirismo que é o nome dado a esta explicação sobre a gênese do desenvolvimento do conhecimento. O professor empirista avalia o processo de aprendizagem, de acordo com sua concepção epistemológica, o aluno é considerado incapaz de assimilar esse saber. O sujeito é determinado pelo meio físico e social e quem representa este mundo é o professor. Pois, somente este detentor do conhecimento pode ensinar.

Por tanto esta pedagogia é confirmada pela epistemologia empirista, que reproduz a ideologia do autoritarismo, da heteronomia, da inexistência da crítica, da inexistência da criatividade, da inexistência da curiosidade. O aluno e futuro profissional, professor da pedagogia empírica, será bem visto no mercado de trabalho, pois aprendeu a se submeter.

Esta lógica tende a ser negada mesmo entre as concepções mais modernistas de gestão de recursos humanos, que compreendem que dentro das possibilidades da modernização se faz necessário um funcionário que não esteja mais dentro da lógica da obediência, mas da criação e participação da cultura organizacional de forma ativa (FLEURY, 2007)

Professores com este perfil, não acreditam que o aluno possa ensinar e que os mesmos possam aprender com os alunos, estes professores tendem a semestralmente realizarem o mesmo planejamento e executarem o planejamento da mesma forma e sua avaliação é sempre previsível e sempre decorativa.

Cientes de que o mercado de trabalho vive em constante mudança este profissional será aceito pelas empresas de gestão tradicional e rejeitado pela demanda das empresas multiculturais, que se baseiam no paradigma toyotista de produção ou das formas de produção no capitalismo pós-moderno.

A pedagogia não diretiva é sutil, está mais voltada para ação pedagógica e epistemológica do que para vivência na sala de aula, nesta concepção o professor está para facilitar, favorecer o aluno no seu processo de aprendizagem, o professor acredita na autoconstrução do conhecimento pelo aluno e seu trabalho consiste em favorecer o despertar de um conhecimento já existente no aluno e construído a partir das vivências sociais.

Como diz Becker, (1992, p. 82) “O professor não pode transmitir. É o aluno que aprende”. Já Freire (1987, p. 23) afirma que: “Ninguém educa ninguém...os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, partindo do pressuposto vygotskyano de que os indivíduos são formados a partir de suas perspectivas micro genéticas, ou seja, é “impossível” direcionar a percepção de aprendizado dos indivíduos em sua totalidade do que deseja o professor e o currículo devido os desejos e percepções diferenciadas.

A epistemologia que embasa este modelo pedagógico é apriorística que têm em sua essência a ideia de que o ser humano nasce com todo conhecimento que necessita na sua herança genética e cultural, portanto o professor com perfil epistemológico apriorística de forma inconsciente abdica de sua característica fundamental como docente que é a intervenção no processo de aprendizagem e se torna um auxiliador da

aprendizagem despertando o conhecimento que ele acredita que já existe no aluno.

Na pedagogia relacional o papel do professor acredita que a construção de um novo conhecimento está ligada ao estímulo entre o aluno e o conhecimento que deve ser o mais concreto possível, o interesse do aluno e o manuseio do material geram a aprendizagem.

O professor com este perfil epistemológico não acredita na transferência de conhecimento quer seja pela de forma hereditária ou quer seja de forma totalmente abstrata. O aprendizado acontece por meio da interação entre o aluno, o objeto de estudo e o meio ambiente.

Diante de todas estas pedagogias é primordial pensar no professor como um profissional atuante que vive em constante formação, visto que aprimora suas práticas de acordo com sua vivência, pensa e repensa sua formação de forma crítica com intuito de favorecer o processo de aprendizagem.

Ciente que a formação do profissional professor é contínua e que este processo é um fenômeno sociológico multifacetado que visa uma formação competente e autônoma oriunda de uma formação profissional, uma formação pedagógica e suas vivências profissionais.

Em suma, este artigo tem como objetivo delimitar os perfis epistemológicos do docente a partir de pressupostos teóricos e didáticos presentes nos momentos formativos, realizando uma reflexão acerca da construção e apresentação teórica destas epistemes específicas.

## **MÉTODO**

Para realização deste artigo foi utilizado o método dedutivo, visto que parte da abrangência do todo para compreensão de algo específico, baseado em uma revisão literária, através de pesquisa em livros e artigos científicos.

A opção por este tipo de pesquisa se deu pela necessidade de entender como é construído este perfil epistemológico e quais as suas contribuições para prática docente. A

epistemologia científica faz referência ao conjunto de crenças e espaços abordados pelo pesquisador e pelo conhecimento, na educação, o perfil epistemológico docente refere-se exatamente às escolhas teórico-metodológicas e ideológicas “escolhidas” pelo professor a partir dos aspectos formativos do mesmo. Nossa pesquisa objetiva realizar um debate essencial sobre estas possibilidades de formação que resultam, essencialmente, em métodos e aspectos do trabalho docente

Segundo Gil (2002, p. 12) as pesquisas descritivas “visam descobrir a existência de associações entre variáveis”, ou seja, contribuirá para realizar a possibilidade de relacionar o perfil epistemológico e a prática docente. O tipo de abordagem adotada foi qualitativo, pela natureza das análises subjetivas e teóricas realizadas. Este método aponta um contato inicial com o tema que pretende ser desenvolvido em outros momentos de ação científica, onde serão analisadas as possibilidades epistemológicas da construção do perfil docente a partir da revisão teórica.

## **REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS**

A formação do professor é contínua e esse processo é um fenômeno sociológico multifacetado que visa uma formação competente e autônoma oriunda de uma formação profissional, uma formação pedagógica e suas vivências laborais. É sociológico pelo fato de que o professor é o indivíduo responsável pela transmissão do arcabouço cultural e técnico da sociedade em que está inserido, o que chamamos de educação formal e alguns traços de educação moral e ética, principalmente quando falamos das éticas especializadas profissionalmente.

Diante do exposto, o presente artigo busca responder a seguinte questão: Qual a implicação dos perfis epistemológicos para o trabalho e o desenvolvimento da educação na sociedade moderna em especial na realidade observada como docentes e discentes que são os autores.

Tomou-se como hipótese inicial que o profissional professor em sua grande maioria não conhece seu perfil epistemológico e sua ação docente se baseia no empirismo, posto que nos primeiros anos da sua prática docente ele toma como base para sua formação vivencia suas experiências como aluno e práticas de professores que fizeram parte de sua formação seja no ensino básico ou na graduação.

Este professor empirista busca testar métodos para garantir sua permanência como docente, acredita-se que por volta do terceiro ano de atuação docente este professor busque nos seus pares um apoio e capacitação contínua e semestralmente a capacitação que é ofertada pela instituição de ensino superior na qual trabalha somente por volta do décimo ano de atuação o professor empirista se sente seguro e dominador da sua formação, para aqueles que têm algum tipo de conhecimento sobre “base epistemológica”, e muitos não conseguem traçar o seu perfil e os poucos que conhecem seu perfil epistemológico conseguem melhorar seu trabalho como docente e favorecer o processo de ensino aprendizagem.

Pode-se apontar algumas características para a predominância deste perfil epistemológico na formação e atuação de professores na docência do ensino superior no Brasil e nos lócus de investigação e análise dos autores deste texto. Primeira grande questão é que os professores que atuam em áreas de não licenciatura não possuem formação específica para atuar na docência, realizando assim – como afirmado anteriormente – uma repetição dos processos didáticos que professores seus realizavam.

Entretanto, têm-se que salientar que um professor que se limita em repetir ou idealizar repetir o que um professor de sua formação realizou terá dificuldades em inovar na perspectiva metodológica e didática da educação. Isto tem a ver com a precarização da formação e atuação docente, no sentido de que muitos docentes vem a sala de aula como uma complementação de renda, visto que não é uma atividade rentável como outras formas de especialização laboral.

O professor que atua na perspectiva de que é o centro do saber só atua assim porque sua própria concepção de ensino parte deste olhar. Tendo dificuldade assim em relacionar-se com os educandos como construtores centrais do conhecimento (VASCONCELOS; AMORIM, 2015). Tomamos como um desafio a ser tomada pelas IES a formação de professores de nível superior nas suas formações específicas e técnicas. Cabe salientar que os mestrados e doutorados específicos focam em formar pesquisadores das áreas, não reforçar o aspecto didático.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do professor é um processo lento que se inicia na sua profissionalização, no entanto apenas a profissionalização não garante sua formação, pois se trata de uma mudança social e de um autoconhecimento. O artigo em questão buscou verificar como é construído o perfil epistemológico e as contribuições deste perfil para a prática docente no ensino superior.

As bases para a construção desta formação estão associadas a uma formação inicial e contínua que visa fornecer os saberes necessários para a prática docente, lembrando que o ser professor integra as vivências do profissional, ou seja, é comum confirmar que o professor tende a reproduzir a forma como aprendeu ou buscar referência em professores que estiveram presentes na sua formação. Partindo deste ponto podemos afirmar que esta reprodução faz com que o professor não conheça as bases epistemológica e conseqüentemente o seu perfil epistemológico.

Ao associar o seu autoconhecimento, sua profissionalização e os saberes pedagógicos o professor vai construindo sua identidade docente que vai impactar diretamente na sua prática docente. A prática docente é uma atividade complexa que associa várias habilidades simultaneamente como o saber e o saber

fazer. A profissionalização do professor que em grande parte está voltada para o currículo fragmenta a construção dos saberes necessários para a prática docente.

De acordo com Sacristán (1995), o fazer docente está vinculado a sua prática e se desenvolve através de um modelo de ensino mecanicamente estabelecido ligado a um determinado conteúdo. Ao longo de sua formação o profissional busca sua identidade docente apropriando-se de diversos modelos que são articulados e modificados de acordo com a compreensão do profissional que vai constituindo uma relação entre e estes modelos e por fim vai criando sua identidade docente.

Segundo Perrenoud (1993) o ato de ensinar não é uma escolha deliberada e sim uma ação inconsciente e em parte racional, são hábitos cuja origem é desconhecida, fazem parte de uma formação psicológica, técnica, teórica e reflexiva que não podem ser acessados pela simples repetição de padrões mecânicos ou levado como uma complementação profissional.

A verificação de como é construído este perfil epistemológico é primordial para formação docente, pois evidenciará como este perfil epistemológico contribui para sua prática docente e mesmo se estes aspectos podem ser modificados a partir de treinamento ou outras formas de inserção do mesmo na vida profissional.

Temos questões importantes a definir sobre o perfil e identidade docente. A simples repetição dos aspectos didáticos aprendidos ou de experiências profissionais não educacionais podem levar à repetição continuada de erros por parte dos educandos tanto das questões culturais e políticas quanto dos processos inerentes à formação acadêmica. O ser docente passa pela pesquisa, formação humana e pelo contínuo repensar de suas práticas docentes, não apenas pelo reflexo empirista.

---

## TEACHER TRAINING IN HIGHER EDUCATION, TRAINING PARADIGMS AND THEIR TEACHING PRACTICE

**ABSTRACT:** The foundations for the construction of this training this associated with a starting line-up and continues to provide the knowledge necessary for the teaching practice, noting that the teacher integrates the livings of the professional, that is, it is common to confirm that the teacher tends to reproduce the way learned or get references in teachers who were present in their training. The search for knowledge has been the focus of top-level institutions since its creation, the difference today is the role of the teacher who was once seen as the absolute knowledge holder and today its role is to mediate and generate the student a researcher spirit based on this assumption the present article aims to analyse the formation of teacher in higher education , the paradigms and their formative teaching practice, in order to recognize how this process and what is its purpose. The deductive method based on a literary review, through research in books and scientific articles of the main authors being these: Freire, Nóvoa, pepper, Anastasiou and Becker.

**KEYWORDS:** Formation. Profile. Teacher. higher education.

---

### REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm) Acesso em 13 06. 2015.

BECKER, Fernando. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. Educação e Realidade.** Porto Alegre, 19 (1): 89-96 Jan – Jun, 1994.

FLEURY, Maria Teresa Leite. **Cultura e Poder nas Organizações.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 6. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 218p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NÓVOA, A. **Concepções e práticas de formação contínua de professores. In Formação Contínua de Professores - Realidades e Perspectivas.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas.** Lisboa. Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, Selma G. ANASTASIOU, Léa das G.C. **Docência no Ensino Superior.** Volume I, São Paulo: Cortez, 2002.

SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Marilúcia Correia & AMORIM, Delza Cristina. **A Docência no Ensino Superior: Uma reflexão sobre a relação pedagógica.** Disponível em <http://www1.ufrb.edu.br/nufordes/pedagogia-universitaria>, acessado em 21 de agosto de 2015.